



A Medicina em História

A Medicina egípcia

A civilização do Antigo Egipto estendeu-se por um longo período de quase 3 milénios, constituindo um dos exemplos mais interessantes das chamadas culturas prétecnológicas arcaicas. As principais fontes de informação acerca da actividade médica chega-nos através dos rolos de papiros. Existem 14 rolos de papiros médicos, em diferentes estados de conservação, a maior parte correspondendo ao Império Médio (2050-1800 anos AC), mas contendo referências ao Império Antigo (2700-2185 anos AC).

Partindo da crença segundo a qual a doença resultava do efeito de um espírito maligno sobre o corpo – pelo que qualquer tratamento médico não podia senão diminuir os sintomas, ficando a doença apenas curada quando o demónio deixasse o corpo do doente – aos poucos o pensamento médico foi progredindo, tendo o exorcismo ficado cada vez mais reservado para casos verdadeiramente desesperantes. Este movimento, do mágico para o empírico, parece resultar das práticas de dissecação, a partir das quais vão crescendo os conhecimentos anatómicos e com eles o conhecimento sobre o diagnóstico. Apesar de haver, naquela época, uma compreensão muito avançada sobre a circulação sanguínea e sobre o papel do coração, não deixava de reinar a crença que o pensamento se localizava no coração e se nutria do corpo. Os antigos egípcios desenvolveram, pois, uma amalgama entre a medicina empírica e a medicina mágica.

A farmacologia do antigo Egipto constituía uma grande parte da medicina da época, como se pode ver pelo chamado papiro farmacológico de Ebres. Com uma grande auréola mística, cada receita envolvia uma complexa preparação de medicamentos, em que os compostos provinham do reino mineral, vegetal, animal ou de substâncias providas de combinações das três origens. Encontram-se, nesse papiro, diversos remédios contra o cancro, as doenças de pele, as perturbações ginecológicas e até, mesmo, para tratamento das sequelas do abortamento.

Uma vez por outra a tradução dos textos esbarra com a intransponível dificuldade de se desconhecem os termos técnicos de zoologia e botânica da antiga língua egípcia. Outras vezes, o próprio médico que



Figura (de cima para baixo)

A deusa Sekhmet, protectora dos médicos. (Museu Egípcio, em Turim).

Coluna gravada em hierático, do papiro médico de Edwin-Smith (Séc. XVII AC – Soc. Histórica de New York).

Um dos quatro vasos chamados “canópicos”, nos quais eram depositadas as cisceras do morto, depois de embalsamadas (XXVI Dinastia, 663-525 AC – expostos no Museu Egípcio, Turim).

ditou a receita não foi exacto. “A erva se-nutet (desconhecida pelos historiadores e botânicos) é *trepadeira*, como a *planta gadget* (também desconhecida) e tem flores semelhantes às do *lótus*”, diz um dos textos. Mesmo para os que conhecessem a planta gadget, a descrição pareceria muito vaga.





Mas, noutros preceitos, a terapêutica é eficaz e racional, como nos casos em que o médico recomenda inalações de vapor: *"Pega em sete pedras e fâ-las aquecer ao fogo; pega numa e lança sobre ela um pouco do medicamento; fecha-a num vaso novo, com o fundo furado. No furo. aplica um tubo, do qual aproximarás tua boca, de modo a inspirar o vapor que sai. Repete a operação com todas as outras pedras."*

Existe, por exemplo, o conselho de dar sementes de papoila ao lactente nervoso e com insónias, que revela conhecimento empírico exacto e profundo. Mesmo hoje, para lactentes inquietos e que apresentem sintomas de cólicas intestinais, são, por vezes, recomendados medicamentos derivados da papaverina, substância extraída da papoila e dotada de propriedades calmantes e antiespasmódicas.

Outro conselho digno de menção e também para as mães da época: untar o bebé com gordura de gato para que os ratos não o molestem durante o sono. Embora não se revele muito pratico, para o observador moderno, o preceito talvez fosse importante numa região infestada por ratos famintos e transmissores de moléstias. Quanto à eficácia da gordura de gato, certamente o médico egípcio se fiava na proverbial e milenar repulsa que o cheira de gato inspira aos ratos.

Um remédio que apresentava um uso muito divulgado era o mel, o qual era incluído na maior parte das preparações medicamentosas. O mel, para além das qualidades nutritivas, assegurava um meio fácil de administrar as ervas e outros preparados pelo seu agradável sabor.

Há também indicadores da existência de uma proto-cirurgia no antigo Egipto que incluía a analgesia e a sedação, a incisão, trepanação, a proto-cirurgia dos traumatismos e a antiseptis. Já no que respeita às observações empíricas referentes a doenças ou disfunções do sistema nervoso, muito embora poucas, parecem ser aprofundadas. Por exemplo, os tratamentos para as enxaquecas ocupam um longo capítulo do único papiro de Ebers completo e melhor preservado. A demência, as convulsões e a tetania foram mencionadas ao de leve em diferentes papiros. Com as descrições clínicas detalhadas dos traumatismos cranianos e vertebrais apresentadas nos papiros de Edwin Smith, a neurologia do Egipto faraónico atinge a sua maior importância.

Este papiro, oriundo séc. XVIIAC, foi publicado em 1930, com tradução de James Henry. Concebido na Idade das Pirâmides (3000-25000 anos AC), para além de ser um documento sobre a ética médica daquele tempo, contém as menções mais antigas na literatura oriental sobre o cérebro, as meninges e os traumatismos cervico-basilares. Num estilo de simplicidade cativante, clareza indiscutível e eficiência bastante razoável, o papiro de Edwin-Smith enumera conselhos sobre ferimentos e fracturas dos mais variados. Vejamos, por exemplo, as instruções para um ferimento na região temporal: *cure-se um homem ferido na têmpora e com um ferimento não aberto; mas se atinge o osso, deverá ser examinada a própria ferida. E se for encontrado o osso temporal ileso, então pode-se dizer a respeito desse caso: tem uma ferida na têmpora, é um mal que posso curar. Fâ-lo, no primeiro dia com carne fresca, depois trata-o com um unguento e mel, até à cura completa."*

A avaliação da própria competência por parte do médico (*"é um mal que posso curar"*), bem como sua confissão de incapacidade nos casos irremediáveis, aparece repetidamente, como que a dar ênfase a um princípio ético a ser observado pelo médico.

Porém, não nos esqueçamos que, não obstante as surpresas neles contidas, os documentos que descrevem actividades médicas no antigo Egipto também indicam a superficialidade de certos conhecimentos relativos à anatomia e à fisiologia humanas. O vocabulário relativo à anatomia externa era vasto e particularizado, mas o que se referia a órgãos internos era desproporcionalmente limitado. A representação hieroglífica de órgãos internos humanos quase sempre é a de órgãos de animais. Da anatomia interna, o médico egípcio conhecia apenas os ossos, alguns órgãos fundamentais como o coração, o fígado, o estômago, os pulmões, os intestinos e a bexiga. Mas não distinguia músculos de nervos, nem artérias de veias, embora soubesse que o sistema vascular é governado pelo coração. Contrastando com a natureza rudimentar desses conhecimentos, o médico egípcio provavelmente possuía o conhecimento das propriedades medicinais de certas substâncias, especialmente vegetais, como dá a entender o conselho relativo às sementes de papoila. No entanto, devemos ser muito cautelosos quanto à eficácia desses tratamentos.

Apesar da argúcia e da experiência da medicina egípcia, a terrível desordem em que se dispõem os textos dos papiros de Ebers e Edwin-Smith dão a entender que os conhecimentos ainda estavam longe de constituir um sistema científico. A existência de tratados práticos com pouca explicação sobre a patologia subjacente ou com explicações de teor mágico (por exemplo, uma teoria primitiva do fluxo de humores, envolvendo o fluxo de diferentes entidades malignas) insere esta prática médica mais num sistema mágico e religioso do que num sistema empírico, ainda que rudimentar. Nem mesmo a abundante farmacologia egípcia chegou a estruturar-se de modo sistemático, o que lhe teria dado melhores condições de desenvolvimento. J.M.T

BIBLIOGRAFIA

- Brunetta, I. (1998). Aspects of fertility in ancient Egypt. Em: Cruse, P. (Ed.), *Proceedings of the 7th Annual History of Medicine Days Conference*, Mar. 26-27; Calgary AB, Calgary, p. 7-12.
- Corleto, L. (1993). Pharmacopoeia in ancient Egypt. *Med Secoli*, 5(1):1-18.
- Garcia-Albea, E. (1999). Neurology in the medical papyruses of the pharaohs. *Rev Neurol*, 16-28;28(4):430-3.
- Grimberg, C. (1963). *Histoire universelle. 1. De l'aube des civilisations aux débuts de la Grèce antique*. Col. Marabout Universitaire. Verviers: Gérard & C^o.
- Helgason, C. (1987). Commentary on the significance for modern neurology of the 17th century B.C. Surgical Papyrus. *Can J Neurol Sci.*, 14(4):560-3.
- Robertson, C. (1998). The use of honey in ancient Egyptian medicine. Em: Cruse, P. (Ed.), *Proceedings of the 7th Annual History of Medicine Days Conference*. Mar. 26-27; Calgary AB, Calgary, p. 21-4.
- Sullivan, R. (1998). Proto-surgery in ancient Egypt. *Acta Medica*, 41(3):109-20.